

A aprendizagem colaborativa no ensino e aprendizagem do conhecimento musical Comunicação

*Andréia Pires Chinaglia de Oliveira
PPG Educação- UEM
andpoliveira@hotmail.com*

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa de doutorado em andamento. A pesquisa tem como objetivo principal investigar como a aprendizagem colaborativa contribui na prática docente dos acadêmicos e na apropriação da aprendizagem musical das crianças em um curso de extensão universitária em música. O referencial teórico metodológico está sendo construído a partir dos estudos sobre aprendizagem colaborativa e a investigação segue uma abordagem qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados são por meio de: 1) observações participantes no laboratório pedagógico colaborativo e nas aulas do curso de extensão; 2) rodas de conversa com ministrantes e crianças; 3) entrevistas de grupo focal em momentos distintos com ministrantes e crianças; 4) cartas pedagógicas. Os dados ainda estão sendo coletados e organizados para análise. Neste artigo, apresentaremos os dados coletados da segunda observação participante no laboratório de formação pedagógica colaborativa com os ministrantes a partir de uma atividade musical colaborativa. Nela destacaremos como os participantes se organizaram para realizá-la e suas percepções sobre a prática realizada. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir com metodologias inovadoras e ativas, compatível a natureza colaborativa das artes. E, ainda, que possa direcionar encaminhamentos futuros para a construção de um campo teórico sobre a metodologia da aprendizagem colaborativa na especificidade da área de educação musical nos diversos contextos educacionais.

Palavras-chave: Aprendizagem colaborativa, Educação, Educação Musical

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa de Doutorado em andamento realizada no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá e tem como objetivo investigar como a aprendizagem colaborativa contribui, tanto na formação e prática docente dos licenciandos em educação musical e artes cênicas, como na apropriação da aprendizagem musical das crianças em um de um curso de extensão universitária.

A pesquisas de Oliveira (2015) e Fugimoto (2015) instigaram o conhecimento sobre essa temática ao apresentarem resultados que os processos de aprendizagem colaborativa

possibilitam aspectos facilitadores e motivadores para o aprendizado musical. Na pesquisa de Oliveira (2015) as crianças desenvolveram uma autonomia musical ao decidirem, de forma conjunta, como queriam realizar a brincadeira cantada, o jogo e a *performance* musical. Fugimoto (2015) realizou uma pesquisa de composição musical com senhoras e as questões colaborativas apontaram o quão foi significativo a troca de ideias dentro do processo de composição, bem como a aprendizagem sobre respeito, aceitação ou recusa de opiniões.

Diante desses estudos, comecei a realizar experimentações colaborativas em diversos contextos educativos que atuo, especialmente, no contexto universitário. Nesses espaços observo que há um grande envolvimento dos alunos na prática das atividades musicais. Na universidade, minha intenção ao aplicar a aprendizagem musical colaborativa baseia-se em dois pontos: incentivar a autonomia no aprendizado e apresentar um modelo de prática de ensino para os acadêmicos em formação inicial. Os acadêmicos se mostram interessados em entenderem melhor o conceito, objetivo e condução da aprendizagem colaborativa.

Assim, o problema da pesquisa é como a aprendizagem colaborativa contribui na formação e prática docente dos licenciandos em música e artes cênicas e na aprendizagem musical das crianças participantes do curso de extensão na elaboração de um teatro musical?

Dessa forma o objetivo principal da pesquisa é investigar como a aprendizagem colaborativa contribui, tanto na formação e prática docente dos acadêmicos, como na apropriação da aprendizagem musical das crianças.

Revisão de literatura e referencial teórico metodológico

De acordo com os objetivos da pesquisa, a revisão de literatura está em fase de construção a partir de 3 temáticas. A primeira delas trata da formação inicial de professores na educação (NÓVOA, 1992; 2017; SACRISTÁN e PÉREZ GÓMES, 1998; GARCIA, 1999; SACRISTÁN, 2002; TARDIF, 2002; GATTI, 2009; 2014), bem como na educação musical (BELLOCHIO, 2003a; 2003b; 2013; 2016; GROSSI, 2003; CERESER, 2004; BELLOCHIO, GARBOZA, 2010; FIGUEIREDO, 2010; MEDEIROS, AGUIAR; 2018 ALMEIDA, 2019). Ao destacar estes estudos busca-se discussões e reflexões sobre as experiências diversificadas na formação inicial de professores e aspectos que objetivem a superação de limites, o

desenvolvimento e a ampliação de conhecimentos relacionados às exigências atuais de ensino com cenários cada vez mais complexos e múltiplos grupos de aprendizes.

Um dos espaços de formação inicial que a universidade promove são os projetos de extensão universitária que, nesta pesquisa, é a segunda temática da revisão de literatura. A partir dos estudos de Silva (1996); Garcia, Bohn e Araujo, (2013) e Pillat et all, (2016) buscase destacar suas reflexões sobre como os projetos e cursos de extensão são espaços promotores de aproximação da universidade com a comunidade, articuladores de saberes acadêmicos e sociais e estimuladores de reflexão na atuação dos acadêmicos em formação.

A aprendizagem colaborativa é a terceira temática e destaca-se, nesta pesquisa, como referencial teórico-metodológico construída a partir dos conceitos, definições e características para seu uso. Na revisão de literatura, a maioria das pesquisas (TORRES 2007b; 2015a; 2015b; 2015c; SANTOS, 2008; TORRES, IRALA, 2014; CERNEV, 2015; MACHADO, TORRES, 2017; GONZAGA, 2017) apresentam a aprendizagem colaborativa associada ao uso da aprendizagem mediada pelas redes e tecnologias de informação.

Torres e Irala (2014), por exemplo, afirmam que é preciso reconhecer a aprendizagem colaborativa como um potencial promotor de uma aprendizagem mais ativa compatível aos estudantes dos dias de hoje, cada vez mais conectados. Por isso, atualmente ela é uma aprendizagem muito utilizada com o auxílio das tecnologias digitais e de informação, bem como na aprendizagem mediada pelas redes.

Porém, historicamente, a aprendizagem colaborativa tem sido estudada e desenvolvida por teóricos, pesquisadores e educadores em diversos contextos da Inglaterra, Alemanha e França, desde o século XVIII, a partir de diversos tipos de abordagem. Smith e MacGregor (1992) definem, por exemplo, a aprendizagem colaborativa como um termo genérico, usado para uma variedade de abordagens educacionais que envolve o esforço intelectual conjunto dos estudantes, ou alunos e professores juntos. Dessa forma, não é uma prerrogativa que ela esteja vinculada ao uso das tecnologias.

No livro organizado por Goodsell et all (1992), os autores organizaram diversos estudos sobre a aprendizagem colaborativa no ensino superior e afirmam que este tipo de aprendizagem toma muitas formas e nomes. Nesse trabalho, Goodsell et all (1992), procuram apresentar os conceitos, os diferentes tipos de aprendizagem colaborativa, como implementá-la e como isso pode mudar o papel dos acadêmicos como futuros professores.

Segundo esses autores, a aprendizagem colaborativa fornece atividades de grupo estruturadas para os estudantes e promove as habilidades sociais que eles precisam para trabalharem juntos e seu foco está numa aprendizagem ativa, engajada, com alunos e professores envolvidos nos processos de ensino e aprendizado.

As pesquisas (GOODSELL et al, 1992; SMITH, MACGREGOR, 1992; TORRES, IRALA, 2014) definem que a aprendizagem colaborativa emerge de um diálogo ativo e da exposição de ideias dos participantes de um grupo. É por meio da participação de todos os aprendizes que interagem entre si que se realiza o processo de construção do conhecimento. De acordo com Torres (2004), é caracterizada pelas seguintes ações: participação ativa do aluno no processo de aprendizagem; interatividade dos diversos atores que atuam no processo; estimulação dos processos de comunicação e expressão; aceitação das diversidades e diferenças; desenvolvimento de autonomia dos alunos; mediação do professor.

Dessa forma, como a aprendizagem colaborativa pode ter diversas formas de abordagem, de acordo com o contexto desta pesquisa, optou-se por selecionar na revisão de literatura, a produção acadêmica com estudos em diversos contextos educacionais, bem como na educação musical, (MARSH, 2008; 2013; COMÉRIO, BRITO, 2010; RIBEIRO, RAMOS, 2012; RENSHAW, 2013; TORRES, IRALA, 2014; TRONCARELI, FARIA, 2014; OLIVEIRA, 2015; FUGIMOTO, 2015; GRAÇA, 2016; GABRIEL, 2016; BEZERRA, 2017; MACHADO, 2017) que não vinculam a aprendizagem colaborativa mediada pelas redes e pelo uso das tecnologias.

Algumas dessas pesquisas (COMÉRIO, BRITO, 2010; RIBEIRO, RAMOS, 2012; TRONCARELI, FARIA, 2014) indicam que a motivação para o uso da aprendizagem colaborativa se deu devido ao desinteresse dos alunos em aulas unicamente expositivas e centradas totalmente na figura do professor. Outras (MARSH, 2008; 2013; OLIVEIRA, 2015; FUGIMOTO, 2015) observaram que a aprendizagem colaborativa entre os alunos decorreu de uma outra dinâmica utilizada em seus processos de ensinar e aprender música. Porém, todas elas colocaram o aluno como protagonista do seu aprendizado, com resultados benéficos.

Para que isso aconteça, o papel do professor, segundo as pesquisas, é muito importante e vai muito além de simplesmente colocar os alunos juntos e lhes pedir pra trabalharem em conjunto. Ele precisa agir como mediador, com intervenções estruturadas e tarefas bem desenhadas para que os resultados sejam positivos. Se o professor não tiver o

objetivo claro das possibilidades que os alunos podem realizar com a aprendizagem colaborativa, as atividades ficam soltas e a proposta não acontece.

Caminhos metodológicos

Com o objetivo de investigar como a aprendizagem colaborativa contribui, tanto na formação e prática docente dos acadêmicos, como na apropriação da aprendizagem musical das crianças, a pesquisa é qualitativa (GRAY, 2012). Os dados estão sendo gerados no contato direto e interativo do pesquisador com o objeto estudado, o que na abordagem qualitativa, de acordo com Gray (2012) permite aprofundar a compreensão dos fenômenos que se estuda e as ações dos indivíduos uma vez que, a complexidade e vivacidade das ações das práticas musicais, das interações dos sujeitos e suas percepções da aprendizagem colaborativa, naquele contexto, vão se modificando no decorrer do processo.

O campo da pesquisa está sendo o curso de extensão Brincando e Cantando que é uma ação do Projeto de extensão Música, Escola e Comunidade oferecido pelo departamento de música da Universidade Estadual de Maringá. O curso atende 40 crianças de 7 a 12 anos da comunidade que recebem a formação musical por meio do canto coletivo a partir de propostas diversificadas. A proposta para este ano é a montagem de um teatro musical com crianças. Para isso, além dos licenciandos em educação musical que ministram as aulas de música, estão atuando os licenciandos de artes cênicas para desenvolverem as atividades relacionadas às especificidades do teatro. Esses acadêmicos realizam um trabalho integrado e colaborativo para que cada um atue em sua área e colabore para a realização do todo.

Assim, além de experimentarem o ensino e a aprendizagem musical nas atividades durante o processo, os acadêmicos ministrantes e as crianças constroem juntos toda a proposta da *performance* do espetáculo, decidem o contexto das cenas, quais as músicas, danças e outras atividades que farão parte do teatro musical e como querem incluí-las.

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa são os ministrantes das aulas, sendo 8 acadêmicas do curso de licenciatura em educação musical e 7 acadêmicos do curso de licenciatura em teatro, bem como as 40 crianças participantes.

Para compreender diferentes perspectivas dos sujeitos, optou-se por 4 instrumentos de coleta de dados: a observação participante (ANGROSINO, 2008; FREIRE, 2010; GRAY, 2012) com registro em vídeo em dois momentos: durante a realização do Laboratório de Formação Pedagógica Colaborativa (LPC) com os acadêmicos ministrantes (14 encontros entre março a junho 2019) e durante as aulas do curso de extensão com a participação dos acadêmicos e das crianças (16 encontros entre maio a setembro 2019). De acordo com Gray (2012), trabalhar ou atuar junto às pessoas para observar suas interações com o meio social e explorar como isso interfere em suas ideias e seus comportamentos é um dos principais objetivos da observação participante.

Através da interação em grupo teremos as Rodas de conversas (WARSCHAUER, 2017a; 2017b) de forma conjunta com os acadêmicos e as crianças em 2 momentos durante as aulas (1 encontro em julho e 1 encontro em setembro de 2019) e as entrevistas de grupo focal (GONDIN, 2003; BORBOUR, 2009; GATTI, 2010) após a finalização das observações participantes em momentos distintos com os acadêmicos e com as crianças (outubro de 2019). Em específico, o grupo focal será utilizado em pequenos grupos, pois, ouvir um número pequeno de participantes pode gerar um extenso número de ideias sobre as categorias do estudo desejado.

De acordo com Gray (2012) o pesquisador pode utilizar de diversos recursos para servir como materiais de estímulo, abordagens criativas e imaginativas para capturar as percepções como cartas, vídeos, fotografias, desenhos, dramatizações nos momentos das entrevistas. Por isso, dentro do grupo focal, teremos a produção de Cartas pedagógicas (MORAES e PAIVA, 2018; MORAES e CASTRO, 2018; PAULA, 2018) pelos acadêmicos e pelas crianças entendendo-a como instrumento de pesquisa que pode revelar as percepções por meio dos sentimentos, sonhos, opiniões de forma espontânea e pessoal.

Essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos ligado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa da universidade a qual a pesquisa está sendo realizada.

O laboratório de formação pedagógica colaborativo: práticas e reflexões

Com o intuito de preparar os acadêmicos para atuarem no curso de extensão com a aprendizagem colaborativa criou-se um momento de orientação denominado Laboratório de

Formação Pedagógica Colaborativo (LPC). Ele está acontecendo desde março e encerrará em outubro de 2019. Neste contexto, são proporcionados momentos de estudos teóricos sobre a aprendizagem colaborativa; aplicação de atividades práticas colaborativas pelos acadêmicos que envolvem música, corpo, cena; elaboração dos planejamentos das aulas do curso de extensão de forma colaborativa e reflexão sobre suas atuações e o aprendizado das crianças.

Serão feitas 14 observações, que já iniciaram no mês de março e terminam em julho de 2019. As observações terão o intuito de captar as percepções dos acadêmicos sobre suas concepções referentes aos estudos teóricos e práticos sobre o ensino e aprendizado na aprendizagem colaborativa; como ela contribui em suas práticas de ensino nas aulas do curso de extensão e em outros espaços educativos; como vão intervir e instigar essa aprendizagem com as crianças durante as aulas que ministrarão no curso de extensão.

Para este artigo será apresentada uma atividade colaborativa realizada por eles, coletada da segunda observação participante do LPG, realizada no dia 19/03/2019. A partir das anotações realizadas no diário de campo serão destacados como: os participantes se organizaram para realizar a atividade; compartilharam as ideias e realizaram ensino e aprendizado musical entre eles, buscando verificar as percepções e características da aprendizagem colaborativa. Também serão apresentadas análises iniciais ao associar esses processos com as características da aprendizagem colaborativa, bem como os papéis de alunos e professores durante a realização da atividade.

Na segunda observação participante estavam presentes 9 acadêmicos, sendo 6 da licenciatura em educação musical e 3 da licenciatura em teatro. Iniciamos nosso encontro retomando os conceitos e características sobre aprendizagem colaborativa feitas a partir do texto de Torres e Irala, (2014) que havia sido estudado e discutido no primeiro encontro do LPC antes de iniciar as observações participantes. Em seguida, foram apresentadas 3 músicas instrumentais como apreciação musical e solicitou-se que os acadêmicos escolhessem uma delas para a realização de uma atividade colaborativa que fariam na sequência. As músicas foram: *Brasileirinho*¹; *Tarantela Napolitana*² e *The Entertainer*³.

¹ Choro Brasileiro composto em 1947 por Waldir Azevedo

² Dança típica italiana associada a cidade de Nápoles.

³ Instrumental do gênero Ragtime composta por Scott Joplin em 1902

Eles conversaram um pouco sobre as músicas, mas não conseguiam chegar a um acordo. Fizeram uma votação e 4 acadêmicos escolheram *Brasileirinho*, 4 escolheram *The Entertainer* e 1 acadêmica votou em *Tarantela*. Dessa forma, automaticamente eliminaram *Tarantela* e começaram a discussão para escolher entre *Brasileirinho* e *The Entertainer*. Dois acadêmicos que haviam escolhido *The Entertainer* tentavam defender suas escolhas argumentando que a música era alegre e divertida. Um deles disse: “vai que a gente tem que fazer alguma coreografia, essa vai dar certo”. Na sequência destaco um trecho do diário de campo, de como uma acadêmica defendeu a ideia para a escolha da música:

A aluna “R” afirmou que *Brasileirinho* também era alegre. Ela ainda argumentou que como o trabalho que realizariam com as crianças envolveria música da cultura popular, eles também precisavam valorizar a música brasileira. Por isso, deveriam escolher essa. Isso fez com que todos concordassem com ela e decidiram, então, por *Brasileirinho*.

Em seguida, fizeram uma atividade com a música escolhida a partir das ideias e do conceito da aprendizagem colaborativa estudadas no texto. A atividade foi denominada de “Jogo de criação corporal e sonoro” e tinha como objetivo elaborar, a partir da música escolhida, uma *performance* musical com as clavas.

A estrutura e os comandos para elaborar a atividade consistiam: realizar uma escuta ativa da música buscando reconhecer a forma musical, os instrumentos presentes, o andamento, entre outros elementos que pudessem destacar. Segue como esse momento foi observado e descrito no diário de campo:

Após a escuta eles começaram, timidamente, partilhar suas percepções. Os alunos da licenciatura em teatro falaram ter dificuldade em reconhecer o que era a Forma na música. Então, as acadêmicas de licenciatura em educação musical tentaram ensiná-los, explicaram que era a estrutura, o desenho de uma música. Uma das acadêmicas que realizava essa explicação pediu que colocasse novamente a música para que fizessem o aprendizado na prática e assim aconteceu.

Conforme ouviam a música, observei que alguns acadêmicos ainda não estavam participando muito. Por isso, foi preciso instigá-los com alguns comandos do tipo: “o que está acontecendo agora? Aqui é o tema? Que parte é essa?” Entre outros. De acordo com Torres e Irala (2014) o professor atua na criação de contextos, estratégias, e ambientes

adequados para que o aluno possa desenvolver suas habilidades de modo criativo. No diário de campo a descrição feita da observação de como aconteceu a interação após essa mediação se deu da seguinte forma:

Após essa mediação, houve uma maior participação do grupo, mais alunos começaram a falar o que percebiam, eles destacavam os instrumentos, o tema, a repetição, as partes, as mudanças das partes, o que ficava igual, o que ficava diferente e assim elaboraram um desenho que estruturava toda essa percepção: Tema (2x), parte A, parte B, Tema com variação na segunda vez. Feito isso, cada acadêmico recebeu um par de clavas. Foi direcionada a outra parte da atividade em que deveriam elaborar uma *performance* musical com as clavas, destacando todas essas percepções ouvidas. Reforçou-se que podia ou não ter o som das clavas, mas elas deveriam fazer parte de todos os momentos da execução. Para isso eles iriam fazer a performance junto com o áudio. Neste momento me afastei do grupo deixando que comesçassem a trabalhar.

Uma característica da aprendizagem colaborativa defendida pelos pesquisadores é que, para que as interações aconteçam o professor precisa deixar os objetivos e os comandos bem claros com intuito da atividade não ficar solta. Troncarelli e Faria (2014) apontam que o docente precisa conhecer as diferentes possibilidades e meios de aplicação da proposta, além de apresentar estratégias, planejamento e motivação.

Na sequência destaca-se registros do diário de campo de como compartilharam as ideias para a execução da performance musical:

Observei que, primeiramente, eles olharam para o desenho elaborado e disseram que na performance teriam que ter de 3 a 4 partes para destacar as diferenças das repetições. A partir disso, 4 acadêmicos começaram dar algumas ideias. Colocaram o áudio e experimentavam sons percussivos, movimentos rítmicos. O que gostavam mantinham, o que não gostavam já descartavam. Aos poucos, os outros acadêmicos começaram a ajudar e participar mais. As sugestões envolviam: bater com as clavas no pulso da música, bater uma percussão com as clavas no chão, bater as clavas em duplas, fazer uma “dancinha” semelhante a um jogo de mãos enquanto tocavam as clavas no pulso.

A partir dessa descrição observa-se outra característica da aprendizagem colaborativa. A medida que as interações foram acontecendo, os alunos se socializaram melhor e se sentiram mais confiantes em partilhar suas ideias. Renshaw (2013) ressalta que

a dinâmica, a química e o fluxo da energia que gira dentro do grupo e que todos esses elementos dependem da confiança que está se construindo.

Na sequência da atividade, destacamos uma outra característica dos processos de interação entre os pares:

Uma das acadêmicas de licenciatura em educação musical fez uma percussão rítmica bem elaborada em que batia as clavas no chão. Os colegas gostaram e começaram a tentar tocar. Como nem todos estavam conseguindo executar, a acadêmica que sugeriu, fez junto com todos algumas vezes, experimentou um pouco mais lento, mostrou por partes. Outra acadêmica sugeriu tocar em duplas ou em forma de pergunta resposta para ver se facilitava. Eles realizaram todas as formas sugeridas para se apropriar do ritmo, mas ainda não estava agradando a todos. Segundo eles diziam, “não estava musicalmente bom” e “estava muito sujo”, então decidiram não usar.

Aqui pode-se observar dois pontos importantes: primeiramente, ficou claro que houve um forte momento de ensino e aprendizado entre os pares. Enquanto a acadêmica tentava formas diferenciadas de ensinar o ritmo, alguns observavam como o colega ao lado fazia para tocar junto e outros tentavam sugerir outras formas de realizar buscando uma aprendizagem melhor. Além disso, outro ponto a destacar desse momento, é que os acadêmicos ainda estão muito voltados à questão estética da *performance* ao valorizar o resultado final quando dizem que não estava musicalmente bom. Na aprendizagem colaborativa, avaliar os procedimentos desenvolvidos pelo grupo implica o exercício de realizar efetivamente uma avaliação com ênfase no processo.

Na sequência destaca-se do diário de campo outro momento de mediação do professor que colaborou na geração de novas ideias entre os alunos. Além disso, é destacado também mais momentos de ensino aprendido entre eles:

Com o intuito de encorajar 3 acadêmicas que não estavam interagindo voltei ao grupo, comentando sobre o tempo que ainda tinham para terminar. Aproveitei para lembrar do objetivo e dos comandos dados para a execução da tarefa. Diante dessa lembrança, uma acadêmica disse: “claro gente, não precisa ter som lembra?...vamos fazer uma coreografia. Então um acadêmicos de cênicas falou: “Dá para usar um jogo que a gente faz nas aulas de teatro em que uma pessoa faz um movimento e passa o comando para o colega ao lado com algum movimento cênico e este seria o próximo a fazer”. Nesse momento ele pegou as clavas e fez uma

demonstração e disse que precisa ter bastante expressão. Nisso todos começaram a experimentar expressões corporais, faciais, usando a clava tanto para executar os movimentos como para passar o comando. Decidiram que na primeira vez do tema os movimentos corporais passariam de forma sucessiva na roda e na repetição do tema passariam o movimento aleatoriamente para qualquer pessoa da roda. As acadêmicas que não estavam colaborando nas ideias realizaram uma coreografia bem criativa que foi elogiada pelos colegas.

Diante desses dados, observei várias características da aprendizagem colaborativa: momentos de ensino e aprendizado entre os acadêmicos, valorização das habilidades e contribuições individuais de cada membro do grupo, momentos de socialização, mediação do professor na criação de estratégias para a realização da tarefa.

Para que pudesse captar melhor se eles estavam percebendo essas características na atividade executada realizamos um momento de conversa ao final da orientação que destaco do diário de campo:

Ao pedir que partilhassem a experiência os acadêmicos deram ênfase inicialmente no resultado. Uma acadêmica que é percussionista, disse: “nossa eu nunca tinha pensado em realizar uma performance musical dessa forma. Quando tocamos ficamos muito presos na execução da música em si que não percebemos outros detalhes da música e do corpo que podem ser explorados”. Sobre o processo eles acharam que no início foi um pouco difícil, pois nem todos estavam dando ideias e não estão acostumados em ter que pensar na hora como elaborar uma *performance*, pois sempre vem pronto e eles só precisam executar. Ali não, eles só tinham os comandos. Então perguntei sobre o objetivo e os comandos dados. Eles disseram que foram claros, mas que foi bom ter feito a intervenção ao lembrar os comandos porque isso fez com que eles prestassem atenção em outras formas de fazer o que deixou a *performance* muito mais interessante. Uma das alunas disse: “foi um gatilho importante”.

Nesse sentido podemos afirmar que os acadêmicos entendem o papel do professor na aprendizagem colaborativa. Ele não diz como fazer, mas instiga as habilidades e a criatividade dos alunos que se sentem estimulados em usar o que sabem fazer de melhor. Isso nos permite refletir que na aprendizagem colaborativa as mudanças de papéis do professor e dos alunos são constantes. Troncarelli e Faria (2014) apontam que os processos de ensino-aprendizagem dos alunos de graduação ocorrem de forma positiva quando o

docente atua como facilitador do aprendizado, o que permite uma participação ativa dos alunos neste contexto, os quais interagem com os colegas e com o professor, para a construção o conhecimento.

Essa concepção é reforçada na pesquisa de Graça (2016) ao refletir que o professor deixa de ser a figura central, que detém o conhecimento, para se tornar um facilitador que ajuda os alunos nessa busca. No ensino, o objetivo é oferecer ao aluno um conjunto de situações relevantes e diversas de modo a que a sua aprendizagem seja abrangente e significativa, que o conduzam a uma maior interação e integração e passam a ser mais criativos e dinâmicos na busca do saber.

Considerações

Os alunos de hoje são repletos de informações vindas de várias fontes e conhecem sobre muitos assuntos. As propostas que utilizam a aprendizagem colaborativa são apontadas nas pesquisas como uma perspectiva positiva e inovadora frente aos modelos atuais de ensino. Por isso, a possibilidade de apresentar novas formas e tendências de desenvolver o ensino e aprendizagem de música no diversos contextos educacionais, pode favorecer e estimular os alunos a se apropriar da aprendizagem musical de uma forma mais dinâmica e condizente com a própria natureza das artes.

Esta pesquisa pretende contribuir para encaminhamentos futuros no que se refere à construção de campo de estudo teórico sobre a aprendizagem colaborativa acerca dos modos de aprender e fazer música nos diversos contextos de ensino de forma presencial por meio da interação com os colegas e mediada pelo professor.

Referências

ALMEIDA, Jéssica de. Formação do educador musical: contribuições de uma abordagem (auto) biográfica. In: *Revista Digital do LAV Santa Maria*, vol. 12, n. 1, p. 150– 167, 2019.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e Observação Participante*, São Paulo, Artmed, 2008. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

BARBOUR, Rosaline. *Grupos Focais*, Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa).

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A formação profissional do educador musical: algumas apostas. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 8, 17-24, mar. 2003a.

BELLOCHIO, Claudia R. Formação de professores e educação musical: a construção de dois projetos colaborativos. In: *Educação*, v. 28, n. 02, p. 37-46, 2003b.

BELLOCHIO, Cláudia R. A formação de professores, a escola e a educação básica: ações e movimentos. In: *InterMeio: Revista de Pós-graduação em Educação*, Campo Grande MS, V. 19, n. 37, p. 76-94, 2013.

BEZERRA, Igor de Tarso Maracajá. Aprendendo a ensinar coletivamente: A Aprendizagem Colaborativa na Musicalização Infantil na UFPB. In: XI CONFERÊNCIA REGIONAL LATINO AMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL DA ISME, Natal, 2017.

CERESER, Cristina Mie Ito. A formação inicial de professores de música sob a perspectiva dos licenciandos: o espaço escolar. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 11, p. 27-36, set. 2004.

CERNEV, Francine Kemmer. Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: motivação dos alunos e estratégias de aprendizagem. 243f. Tese (Doutorado Música- Educação Musical), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa e Pós-graduação em Música, Porto Alegre, 2015.

CRESWELL, Jhon W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Magda Lopes; 3. Edição, Porto Alegre: Artmed, 2010

COMÉRIO, Marta Santana, BRITO, Márcia Regina Ferreira. A Interação entre alunos no processo de solução de problemas matemáticos. X ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, Bahia, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*, Petrópolis: Vozes, 2006.

FIGUEIREDO, S. Os processos de aprovação da Lei 11.769/2008 e a obrigatoriedade da música na Educação Básica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, Endipe, Belo Horizonte, 2010.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Tradução Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Vanda Bellard. Música, pesquisa e subjetividade: aspectos gerais. In: FREIRE, Vanda Bellard, *Horizontes da pesquisa em música*, Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FUGIMOTO, Tatiane Andressa da Cunha. Composição musical com idosos: re-arranjando a Felicidade. 205f. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical), Universidade do

Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2015.

GABRIEL, Dino Samuel Cristão. Música e Sociabilidade: Aprendizagem Colaborativa vs. Cooperativa. 133f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Educação Musical no ensino Básico), Escola Superior de Educação, Departamento de Artes e Tecnologia, Coimbra, 2016.

GARCIA, Berenice R. Zabbot; BOHN, Letícia R. Diefenthaler; ARAÚJO, Maria Inês Siqueira. Universidade e extensão universitária: uma relação dialógica entre formação profissional e compromisso social. In: SÍVERES, Luiz. *A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem*. Liber Livro, Brasília, 2013.

GARCÍA, C. M. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto, Porto Editora, 1999.

GATTI, Bernadete. (Coord.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: Unesco, 2009.

GATTI, Bernadete. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. In: *Estudos em Avaliação Educacional*, São Carlos, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr. 2014

GRAÇA, Tania Sofia Monteiro Rodrigues da. A aprendizagem colaborativa no contexto do ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. Dissertação (Mestrado em Português – Segunda língua estrangeira), Universidade do porto, 2016.

GÓMEZ, A. I. Pérez. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferenças perspectivas. In: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ; A I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

GONDIN, Sonia M. G. grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Revista Paidéia*, Cadernos de Psicologia e educação, v.12, n.24, p. 149-161, 2002.

GONZAGA, Hugo Luis Honorio. Sala de aula invertida: uma abordagem colaborativa na aprendizagem da matemática. Dissertação Mestrado, programa Pós graduação em Educação Matemática, mestrado profissional, Universidade federal de juiz de fora, 2017

GOODSELL, Anne S. et all. *Collaborative learning: a sourcebook for Higher Education*. National Center on Postsecondary Teaching, Learning and Assessment, University Park, PA, 1992.

GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. Métodos de Pesquisa, Porto Alegre, Penso, 2011.

MACHADO, Daniel Augusto Oliveira. Aprendizagem criativa-colaborativa e liderança musical: princípios e práticas. 107f. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical). Programa

de pós-graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MACHADO, Mércia Freire Rocha Cordeiro; TORRES, Patrícia Lupion. Mediação pedagógica da aprendizagem a distância: princípios e estratégias. *Revista Observatório*, v. 3, p. 165-189, 2017

MARSH, Kathryn. Exploring children's musical play. In: BURNARD Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching music creatively*. 2013

MEDEIROS, Emerson Augusto de. AGUIAR, Ana Lúcia O. Formação inicial de professores da educação básica em licenciaturas de universidades públicas do Rio Grande do Norte: estudo de currículos e suas matrizes curriculares. In: *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 1028-1049, jul./set., 2018.

MORAES, Ana C; CASTRO, Francisco M. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, Vol. 23, 2018.

MORAES, Ana C; PAIVA, Darlan L. *Cartas pedagógicas: reflexões de docente da educação básica e ensino superior*. Fortaleza, EdUECE, 2018.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: D. Quixote, 1992.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. In: *Cadernos de Pesquisa*, vol.47, n. 166, p. 1106-1133, 2017

OLIVEIRA, Andréia Pires Chinaglia de. "A gente ensina, aprende e inventa, tudo de uma vez": as aprendizagens colaborativas nas brincadeiras cantadas e jogos musicais numa oficina de música com crianças. 255f. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical), Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2015.

PAULA, Ercília M. A Teixeira. (org). *Cartas pedagógicas: estratégias didáticas revisitadas para novos tempos*. Curitiba, CRV, 2018.

PILLATT, Fabio; ZUCHI, Claudir; NEHRING, Cátia; PANSERA, Maria Cristina. Compreendendo a extensão e a sua indissociabilidade com o ensino e a pesquisa no âmbito da educação superior: uma análise qualitativa com o ATLAS. Ti. In: REBES – *Revista Brasileira de Ensino Superior*, Vol. 2, p. 31-44, 2016.

RENSHAW, Peter. Collaborative learning: a catalyst for organizational development in higher music education. In GAUNT, H., e WESTERLUND, H. (Eds.). *Collaborative learning in higher music education*. Surrey, UK: Ashgate, 2013, p. 237-246.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Poderes Instáveis em educação*. Porto Alegre: Artmed editora, 1999.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos. O Processo de colaboração na educação online: interação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação 2008 174 f. Dissertação (mestrado), 237p – Universidade Católica Dom Bosco, Campo. Grande, 2008.

SILVA, Oberdan Dias da. O que é extensão universitária? disponível em <http://www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos/oberdan9.html>.

SMITH, Barbara, Leigh. MACGREGOR, Jean. What is Collaborative Learning? In: GOODSSELL, Anne S. et all. *Collaborative learning: a sourcebook for Higher Education*. National Center on Postsecondary Teaching, Learning and Assessment, University Park, PA, 1992.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

TORRES, Patricia. L. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eurek@kids. *Cadernos do CEDES (UNICAMP)*, v. 27, p. 335-352, 2007b.

TORRES, Patricia, L. IRALA, Esrom Adriano Freitas. Aprendizagem Colaborativa: Teoria e Prática. In: TORRES, Patricia Lupion. (Org.). *Metodologias para a Produção do Conhecimento: da concepção à prática*. 1ª ed. Curitiba: SENARPR, vol. 1, p. 61-93, 2014.

TORRES, Patricia. L. *Redes e Mídias Sociais*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015a. v. 1. 353p.

TORRES, Patricia. L. *Tecnologias Digitais para Produção do Conhecimento*. 1. ed. Curitiba: SENAR, 2015b. v. 1.

TORRES, Patricia. L. *Produção do conhecimento em rede*. 1. ed. Curitiba: SENAR, 2015c. v. 1.

TRONCARELI, Marcella Zampoli; FARIA, Adriano Antonio. A aprendizagem colaborativa para a interdependência positiva no processo ensino aprendizagem em cursos universitários. *Educação*, Santa Maria, vol. 39, n. 2, p. 427-444, 2014.

VIOLA, Daniele. O ensino não-formal na educação musical e a sua contribuição na manutenção do quadro discente universitário no Rio de Janeiro. In: ANAIS DO IV SIMPOM-SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, Rio de Janeiro, 2016.

WARSCHAUER, Cecília. *A roda e o Registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento*. 5. Edição revisada e ampliada, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017a.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. 2. Edição revista e ampliada, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017b.